

Entre parceiros: o legado de Antonio Candido e o caipira na formação cultural do Brasil



Gustavo Dal Farra Miguel Jorge¹

Resumo

Dentre as referências literárias sobre a importância da cultura caipira nos estudos das Ciências Sociais acerca da Formação Cultural do Brasil, é evidente o destaque da obra de Antonio Candido. Serão apresentadas aqui a centralidade dos estudos da cultura caipira na obra sociológica do autor e suas relações, discutindo sua importância, com ênfase em “Os Parceiros do Rio Bonito”, como um marco que divide seus antecessores e seu legado para a compreensão dos aspectos particulares de formação sociológica e cultural de um Brasil interiorano. Em outras palavras, apresentar-se-á a forma que as obras de Antonio Candido fornecerão a base posteriormente para a Sociologia Rural de Maria Isaura Pereira de Queiroz e para o ensaísmo histórico de Darcy Ribeiro, assim como do retrato da cultura caipira na peça de teatro “Na *Carrera* do Divino” de Carlos Alberto Soffredini e no longa-metragem “A *Marvada* Carne” de André Klotzel.

Palavras-chave: Caipira; Antonio Candido; Formação Cultural do Brasil; Sociologia Rural.

Abstract

Among the literary references to the importance of *caipira* culture in the studies of Social Sciences about the Cultural Formation of Brazil, the highlight of Antonio Candido's work is evident. Will be presented here the centrality of *caipira* culture in the author's sociological work, and his relations, discussing his importance, with an emphasis on “*Os Parceiros do Rio Bonito*”, as a limit that divides his predecessors and his legacy for understanding the particular aspects of sociological and cultural formation of an inland Brazil. In other words, will be presented the form that the works of Antonio Candido will give the basis posteriorly for the Rural Sociology of Maria Isaura Pereira de Queiroz and for the historical essays of Darcy Ribeiro, as well as the portrait of the *caipira* culture in the play “*Na Carrera do Divino*” by Carlos Alberto Soffredini and in the feature film “*A Marvada Carne*” by Andre Klotzel.

Keywords: *Caipira*; Antonio Candido; Cultural Formation of Brazil; Rural Sociology.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (PPGCS-UNIFESP). E-mail: gustavo.jorge77@outlook.com

Introdução

É vasta a bibliografia nas Ciências Sociais acerca da chamada Formação Cultural do Brasil. Desde os relatos dos cronistas, a produção literária brasileira e a tradição dos chamados ensaios histórico-sociológicos, são diversas as interpretações que buscaram dar conta da diversidade cultural e social de todo o território nacional.

Até o começo dos anos de 1940, em autores de orientações distintas como Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., prevaleceu a tentativa de compreensão dessa formação histórica e social através de um sentido único, que vincula o “Brasil colonial arcaico” ao “Brasil nação moderno”, apreendendo o homem livre e pobre como subordinado à grande propriedade e deslocado do sentido histórico predominante (JACKSON, 2002, p. 100).

Porém, somente mais tarde é que será dada a devida importância à formação das maiores parcelas da população brasileira, que até então passavam praticamente despercebidas às documentações historiográficas, mas que compunham um setor médio, entre a classe dominante dos senhores de engenho e os escravos: os homens livres e pobres, pequenos agricultores, aderidos a uma cultura rural em parte isolada do sistema de produção colonial, que viria a ser chamada cultura rústica, predominante pelos sertões interioranos do Brasil.

Com início no trabalho do escritor e jornalista Euclides da Cunha², passando pelos chamados “estudos de comunidade”, é na obra de Antonio Candido que se dão as maiores diretrizes a se pensar como se inserem as culturas rústicas na formação brasileira, mas principalmente é com ele que ganham visibilidade um segmento importante da chamada Paulistânia – região recorrente da expansão paulista encabeçada pelos bandeirantes – que como marginais do processo até então majoritariamente estudado, se fincam e se estabelecem nessa vasta região dando origem à cultura caipira.

Posteriormente, apesar do impacto da produção de Antonio Candido, os estudos começam a dar conta de problemas variados do chamado campesinato, o que se deve ao fato de os autores que se debruçaram sobre o tema das sociedades rurais do Brasil na década

² A importância da obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha nesse contexto será discutida adiante.

de 1960 estarem preocupados com a questão da formação de uma sociedade de classes, sob influência do pensamento marxista da época, e suas relações com um Brasil em processo de modernização. No entanto, foram os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz que mais se inspiraram na obra do autor, onde se amplificam algumas noções presentes que serão aqui apresentadas. É a partir desse período que se criam as bases para os estudos da Sociologia Rural enquanto disciplina no Brasil, bem como de um ensaísmo histórico posterior de Darcy Ribeiro já em meados da década de 1990, assim como do retrato cultural no teatro e no cinema.

1. Antecessores de Antonio Candido

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973b), os estudos pioneiros remetem ao final do século XIX, despertados pela curiosidade das pessoas citadinas à cultura que se conservava no campo. O primeiro nome citado é o de Sylvio Romero, seguido por Euclides da Cunha donde as interpretações geraram à luz da época as diretrizes analíticas que viriam a ser ampliadas e discutidas.

Dentre essas, a obra antecessora do legado de Antonio Candido em seu estudo sobre a cultura caipira é a de Euclides da Cunha, “Os Sertões” (1984 [1902]), na qual é retratada a narrativa do desenvolvimento de um Brasil interiorano à parte da região litorânea, em uma interpretação em que surgem dois aspectos que se alternam na vida cabocla: isolamento e intermitência. Estes aspectos foram reinterpretados em “Os Parceiros do Rio Bonito” como a alternância entre estabilidade e a instabilidade, entre a estrutura e a história. Neste sentido, é Euclides da Cunha quem inaugura essa vertente que sugere a interpretação do Brasil a partir de dois sentidos históricos distintos.

De qualquer modo, a visão de Euclides da Cunha orienta uma vertente interpretativa que reconhece e valoriza a existência relativamente autônoma – e positiva – de grupos sociais constituídos por sítiantes pobres desde o início da colonização brasileira, apesar da instabilidade que caracteriza esse processo. De modo geral, a tradição dos “estudos de comunidades” e a que foi inaugurada pelos trabalhos de Antonio Candido, Gioconda Mussolini e Maria Isaura Pereira de Queiroz seguem essa direção, mesclando perspectivas sociológicas e antropológicas, por meio da quais os problemas decorrentes da modernização, sobretudo os que implicam a transformação das formas de vida desses grupos, são discutidos (JACKSON, 2002, p. 84 e 85).

A hipótese explorada dava conta, além de tal isolamento dessas populações, de um distanciamento social maior relacionado à distância geográfica com a classe aristocrática em relação aos vaqueiros e camponeses. Outro autor citado por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973b) e também da mesma época é Oliveira Vianna, que acabaria por mostrar o contrário em seus estudos no Sul do país, quando a aristocracia se definia ainda mais distante de outros estratos populacionais observados:

Entre os dois estratos, não existiriam camadas intermediárias; os pobres carpas livres que habitam fora da propriedade não se distinguem dos trabalhadores da fazenda senão por uma miséria ainda maior, uma vez que lhes falta o apoio paternal do fazendeiro (QUEIROZ, 1973b, p. 9).

Além destes, longe dos estudos socioantropológicos, nomes como Monteiro Lobato, Martins Pena, entre outros, mais ligados à literatura e à arte traziam à tona a realidade dessa parte esquecida do campo. Na área da Geografia, o estudo dos pequenos lavradores em São Paulo ganha força com Nice Lecocq Müller, hoje retratado como um clássico acerca das populações rurais:

Segundo a autora, os sitiantes são responsáveis pelas plantações que cultivam; trabalham direta e pessoalmente a terra com o auxílio de sua família e, ocasionalmente, com um ou dois assalariados. Esta definição não exprime a relação do homem com a terra, podendo ele ser proprietário ou não, desde que seja o responsável pelo cultivo. Exprime, isso sim, trabalho do homem sobre a terra: trabalho independente, economia doméstica; estas duas características estão em geral acompanhadas de uma terceira – são plantações efetuadas com técnicas rudimentares. Outra característica dos sitiantes é sua mobilidade espacial – características que conservam desde os tempos coloniais. Utilizando técnicas rudimentares, empregando queimadas, viam-se constrangidos a abandonar a terra "cansada" e partir para mais longe, depois de certo tempo. A pobreza de seu gênero de vida lhes facilitava a partida; a casa de pau-a-pique e de sopapo era facilmente abandonada e reconstruída mais adiante, os pobres utensílios e objetos não eram difíceis de carregar: rusticidade e precariedade de vida sempre os distinguiram (QUEIROZ, 1973b, p. 12).

Nas discussões da sociologia cultural e da antropologia social, se fazem como antecessores os chamados “estudos de comunidades”, representados por nomes como Emile Willems, Donald Pierson e Robert Redfield. Os dois primeiros pretendiam construir, através de um método etnográfico, um painel empírico da sociedade brasileira, a partir do qual seria possível explicar os processos de mudança social e cultural que caracterizavam as localidades estudadas, apesar das suas diferenças (JACKSON, 2009, p. 76).

Cunha (WILLEMS, 1947) foi a primeira obra publicada nesse sentido tendo sido amplamente criticada por diversos motivos, inclusive devido à falta de laço teórico entre os dados empíricos levantados e sua conclusão, que fora incapaz de direcionar os fatores de mudanças culturais e sociais. Willems enumerou diversos fatores de permanência, que se contrapunham aos de mudança, faltando indicar um sentido necessário ou ao menos provável para o impasse. As críticas negativas, não apenas de Cunha, mas também de outros “estudos de comunidades”, foram escritas dentro da escola sociológica paulista por Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Maria Sylvia de Carvalho Franco (JACKSON, 2009). Além disso, foi destacado que a referida obra não traz uma teoria abrangente o suficiente para dar conta de todo o processo histórico e social dos caipiras e trata de forma demasiada da cultura cabocla, sem fazer a devida reflexão de suas transformações no processo de modernização do país.

Porém, nos estudos realizados posteriormente por Gioconda Mussolini, Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, é possível notar a influência e o desenvolvimento da noção e da importância das culturas rústicas na formação da sociedade rural brasileira:

Todos estes trabalhos mostraram, pois, que ao contrário do que antigamente se pensava, havia pelo menos mais uma camada social rural, além da dos fazendeiros e da mão-de-obra sem-terra – camada intermediária formada pelos sitiantes. Esta camada existiu sempre, desde o início da colonização do país, e seria interessante rebuscar nos relatos de viajantes e de memorialistas, em todos os documentos enfim, dados que revelem como vivia, quais os seus caracteres. Por outro lado, não se trata de gente isolada, mas, pelo contrário, de gente que se movimenta em sua vida quotidiana, conhecendo outros ambientes e outras configurações sociais diferentes da sua (QUEIROZ, 1973b, p.14).

É portanto, através desses estudos de comunidade, inclusive a obra de Robert Redfield sobre os *Yucatán* – a qual se apresenta uma teoria de desenvolvimento dos graus entre uma cultura “*folk*” até a cultura urbana, representados pelas suas diferentes expressões com relação à sua distância aos centros urbanos considerados mais civilizados –, que Antonio Candido se inspira para deixar sua obra e seu legado nos estudos sobre os caipiras com sua precisa descrição das condições de existência, mostrando que na verdade não estavam isolados, mas conectados à organização social através dos bairros rurais, o que será ampliado ainda mais com Maria Isaura de Queiroz.

2. A produção de Antonio Candido

A análise de Antonio Candido surge como síntese entre os estudos de comunidade, que relatavam a cultura brasileira a partir da transformação social, e os estudos sociológicos, que se preocupavam com a questão da modernização do país como fator determinante.

Assim, “Os Parceiros do Rio Bonito” surge como obra fundamental da produção sociológica de Antonio Candido enquanto ocupante da cadeira de Sociologia na USP. Seus estudos deram conta de formas elementares de agrupamento no meio rural paulista que foram definidas desde estudos anteriores, mas que se firmaram principalmente quando delimitou-se como unidade mínima de povoamento os chamados Bairros Rurais, “de nível econômico bastante precário, entrando em decadência muito facilmente e parecendo fadado à degradação social ao sofrer o impacto da industrialização ora em processo no Estado” (QUEIROZ, 1973a, p.1 e 2).

A obra acaba participando de um processo em que o autor procurava as raízes do cururu, mas que acabou resultando no reconhecimento da importância de todo o entorno sociológico que o permeia.

[...] as suas formas são várias, mas essencialmente consta de uma dança rodeada em que tomam parte via de regra apenas os homens; de uma saudação aos presentes; uma louvação aos santos e finalmente desafios em que os contendores – sempre dançando – propõem uns aos outros problemas, de fundo religioso ou profano, visando a derrotar o adversário e exaltar a própria pessoa (CANDIDO, 1956, p. 151).

A ideia está presente em um artigo recentemente republicado na Revista USP em comemoração ao centenário de Antonio Candido onde o autor discute as possíveis origens indígenas do cururu fundamentadas em diversas documentações. Houve nesse sentido um alargamento, tomado aqui como cruzamento cultural que possibilitou uma primeira assimilação mútua, cabocla na forma e na conceptualização de uma mistura nativa com elementos europeizados, que se reproduziam mutuamente em português e em tupi. “O sertanejo [e, portanto, o caipira] resultaria do cruzamento entre brancos e índios, vinculado ao povoamento vagaroso do interior, ocorrido desde os primórdios da colonização.” (JACKSON, 2009, p. 84)

Essa cultura era dotada de características particulares tais como isolamento, posse de terras, trabalho doméstico, auxílio vicinal, disponibilidade de terras, mas principalmente

pela ameaça de sujeição a um desaparecimento, pela via de crescimento de outras formas sociais.

Relativamente isolada, sua origem relaciona-se, entretanto, como a de toda a sociedade brasileira, com a expansão do capitalismo comercial europeu, o que explica o vínculo necessário com o mercado, inicialmente intermitente e reduzido, progressivamente intensificado com a modernização do país (JACKSON, 2009 p.82 e 83).

Apesar da origem simultânea à de toda a sociedade brasileira, o que viria a diferenciar e caracterizar a distinção entre a população rústica e caipira, da população mais ligada à economia colonial era propriamente a distância social da aristocracia, que não se fazia tão incidente pelo interior da antiga colônia quanto nas áreas avantajadas pelo cultivo canavieiro. Nas palavras de Antonio Candido:

Nos lugares onde se estabeleceu, desde o início, um estrato social dominante e ligado intimamente à tradição do reino (como foi o caso da Bahia e de Pernambuco, devido principalmente a fatores de ordem político-administrativa), a cultura portuguesa pôde desde logo transplantar-se. A consequência foi o desenvolvimento por assim dizer de dois planos culturais, o português e o sincrético (este, acentuado logo depois na faixa litorânea pela contribuição africana), estabelecendo-se uma distância apreciável entre a camada dominante e a camada dominada, tanto no plano estrutural quanto no da cultura (CANDIDO, 1956, p. 160).

Como o autor mostra, este processo não ocorreu tão cedo na região de São Paulo, local em que a aristocracia cafeeira tardiamente se identificou como portadora de uma cultura dominante, o que, por sua vez, facilitaria a aproximação e a mistura com as classes populares.

Em São Paulo, pois, houve condições favoráveis e duradouras para a mistura de traços e a formação de uma sociedade relativamente homogênea, onde o fazendeiro, o preador de índios, o descobridor de ouro, o morador, o agregado, estavam muito mais perto uns dos outros, do ponto de vista racial, cultural e social, do que os latifundiários nordestinos dos seus dependentes, ou dos comerciantes da cidade. Daí a permanência de traços aborígenes incorporados desde logo e fundidos de maneira harmoniosa na cultura do conquistador. Daí a dificuldade encontrada quando queremos discernir as articulações desse processo (CANDIDO, 1956, 160 e 161).

Estes aspectos foram aos poucos sendo aglutinados no inventário teórico de Antonio Candido, que acabaram por possibilitar a produção de um trabalho de toda a magnitude de *Os Parceiros do Rio Bonito*, transitando da ideia inicial do autor em pesquisar a

modalidade cultural e literária das danças de cururu para a elucidação e a redação de uma obra, que logo na sua introdução deixa claro a que veio. Como já foi dito, baseado nas produções anteriores, sintetizadas a um olhar sociológico produzido pela escola sociológica paulista, o autor foi capaz de alinhar uma reconstituição histórica baseada na pesquisa etnográfica, sobretudo dos relatos dos velhos caipiras. Assim, se tratando de um agrupamento rural ligado a uma cultura cujo desenvolvimento histórico é conhecido, Antonio Candido foi capaz de situar um ao outro, esboçando um panorama retrospectivo daquela cultura. O trabalho se debruçou por diversas visitas a cidades como Piracicaba, Tietê, Porto Feliz, Conchas, Anhembi, Botucatu e Bofete, sendo essa última a principal, pois ali foi capaz de estar com seus informantes, desde 1947 a 1949, e depois, de 1952 a 1954.

A pesquisa foi mostrando que as modalidades observadas em diversos lugares eram verdadeiros estratos superpostos, em grau variável de mistura, mas podendo ser reduzidos a alguns padrões. Estes correspondiam a momentos diferentes da sociedade caipira no tempo (CANDIDO, 2017, p. 11).

Desenvolve assim uma descrição de “um processo e uma realidade humana, característicos do fenômeno geral de urbanização no estado de São Paulo.” (CANDIDO, 2017, p. 13) dos problemas econômicos, sociais e da subsistência, em uma derivante da sociologia dos meios de vida, tomando como base as noções de mínimo vital e mínimo social, quanto da unidade social em que se permeiam as relações dessa cultura, com certa *“ciência da importância dos meios de vida como fator dinâmico, tanto da sociabilidade, quanto da solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, se estabelecem entre o homem e a natureza?”* (Idem), terminando em uma posição política favorável à reforma agrária.

Então, o autor diferencia duas terminologias, sendo a cultura rústica a resultante em geral do ajustamento dos colonos à vida nas terras brasileiras, tanto pela importação da cultura europeia ajustada aqui, quanto pelo contato com os indígenas.

No caso brasileiro, rústico se traduz praticamente por caboclo no uso dos estudiosos, tendo provavelmente sido Emílio Willems o primeiro a utilizar de modo coerente a expressão cultura cabocla; e com efeito aquele termo exprime as modalidades étnicas e culturais do referido contato do português com o novo meio. Entretanto, neste texto o termo caboclo é utilizado apenas no primeiro sentido, designando o mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma talvez a maioria da população tradicional. (CANDIDO, 2017, p. 27)

Por outro lado, nos aspectos culturais, ou seja, nos modos de ser, delimitados pela antiga zona de expansão paulista, a Paulistânia, a cultura rústica de modo generalizado acaba por se fazer como a cultura caipira, própria dessa região.

Da expansão geográfica dos paulistas, nos séculos XVI, XVII e XVIII, resultou não apenas incorporação de território às terras da Coroa portuguesa na América, mas a definição de certos tipos de cultura e vida social, condicionados em grande parte por aquele grande fenômeno de mobilidade. Não cabe analisar aqui o seu sentido histórico, nem traçar o seu panorama geral. Basta assinalar que em certas porções do grande território devassado pelas bandeiras e entradas - já denominado significativamente Paulistânia - as características iniciais do vicentino se desdobraram numa variedade subcultura do tronco português, que se pode chamar de "cultura caipira" (CANDIDO, 2017, p. 43).

Entretanto, é o conceito de Bairros Rurais elaborado dentro do panorama dessa pesquisa que possibilitou a continuidade dos estudos que passaram a ser efetuados por Maria Isaura Pereira de Queiroz.

3. O legado em Maria Isaura Pereira de Queiroz

Os estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz adicionam à tal conceito a distinção entre camponeses, produtores para a própria subsistência – definidos e estudados por Antonio Candido – e agricultores, produtores destinados ao mercado. Além disso, a autora acaba por refutar a hipótese do isolamento, visto que os bairros analisados estavam em constante contato com a sociedade do entorno.

A sobrevivência do caipira sempre dependeu, a partir desse ponto de vista, do equilíbrio obtido na relação estabelecida com a sociedade global. E, portanto, a qualidade dessa relação que determina a sobrevivência ou a dissolução da sociedade caipira em particular e rústica em geral. Não há aqui diferença fundamental em relação a Antonio Candido, mas a ênfase da análise aponta para uma gama mais extensa de possibilidades, a partir do contato com a cidade. O exemplo de Itapeverica da Serra, estudado por Lia de Freitas Garcia Fukui, e incluído na análise, é sugestivo. A desorganização do bairro ocorreu após a quebra de relações comerciais com a cidade de São Paulo; neste caso foi o isolamento e não o contato, que era favorável, o fator da anomia. A ênfase nas relações externas estabelecidas pelos bairros, de forma comparativa, ampliou, portanto, o alcance da definição proposta por Antonio Candido.” (JACKSON, 2002, p. 97 e 98).

O que se faz claro na obra de Antonio Candido, talvez pela influência de seus antecessores, é que poderia haver uma relação direta entre o grau de isolamento e a possibilidade cultural e social dos modos de ser caipiras, que viriam a desaparecer em virtude do crescimento urbano e a modernização do país. Por outro lado:

A análise da autora indica a complexidade do processo de transformação do modo de vida dos pequenos produtores, em função do processo de urbanização; pressupõe a existência de dois universos distintos, cidade e bairro rural, mas sempre relacionados. As transformações intensas ocorridas de um lado afetam necessariamente o outro, mas as diferentes modalidades de encontro provocam respostas variadas. Justifica Maria Isaura Pereira de Queiroz, desta forma, a necessidade do incremento da pesquisa empírica e comparada para dar conta de processo a um só tempo geral e particular (JACKSON, 2002, p. 98).

Haveria, assim, dois aspectos paradoxais que confluem nos tipos de vida rural e urbano, em que ambos são independentes, mas complementares, de forma que não há nenhum indício de que haja uma influência da cidade à ponto de extinguir os modos de vida caipiras, mas sim de um equilíbrio, mantendo as duas posições distintas e estáticas. O principal ponto de equilíbrio seria o comércio, pelo qual os habitantes da zona rural vendem os seus excedentes de produção, permitindo uma forma alterna de progresso e, portanto, um novo horizonte em conformidade com a modernização.

A descrição da situação existente no município de Taubaté, demonstra que a elevação do índice de urbanização num município não significa que naquela área tenha desaparecido a civilização caipira, e tampouco significa que a área municipal ou regional, como um todo, esteja sofrendo um processo intenso de desenvolvimento. Um município pode ser ao mesmo tempo altamente urbanizado (graças ao grande desenvolvimento da sede municipal, como é o caso de Taubaté), e conservar uma área rural pouco desenvolvida, totalmente apegada ao gênero de vida tradicional do caipira (QUEIROZ, 1973a, p. 29).

Esses estudos, realizados em diversas regiões e bairros rurais, foram capazes de trazer à tona na discussão, além das transformações e possibilidades favoráveis ao contínuo das relações sociais que os caracterizam, a percepção de determinada variedade econômica:

Os bairros rurais se definem mais pelas relações sociais do que por um regime econômico específico, no entanto, a diferenciação interna dessa categoria social em duas divisões distintas tem como critério o regime econômico específico de cada uma delas.” (QUEIROZ, 1973a, p. 122 e 123).

Assim, seria possível, portanto, ilustrar uma releitura do conceito de cultura rústica, na qual foi reduzida a generalização em que ainda se fazia presente, e foi transformada em campesinato – como camada intermediária da população rural, que esteve presente no país desde o período colonial, e que existe sob a dominação das classes dominantes da sociedade brasileira. O campesinato toma diversas formas dentro do território brasileiro, e até mesmo suas origens étnicas são demasiadas gerais, caracterizando uma vastidão correspondente a sua intermediação entre diferentes classes urbanas e rurais.

Economicamente, define-se pois o camponês pelo seu objetivo de plantar para o consumo. Sociologicamente, o campesinato constitui sempre uma camada subordinada dentro de uma sociedade global – subordinação econômica, política e social. A camada superior tanto pode ser constituída por uma camada senhorial, quanto por camadas urbanas. Mesmo que os camponeses, à testa de pequenas autarquias de produção, sejam economicamente autônomos (por exemplo, quando são proprietários de suas terras, de seus instrumentos de lavoura, de seus animais de traço), ainda assim são sempre subordinados do ponto de vista social e político a outras camadas, ou a outros grupos sócio-econômicos (como os cidadãos) (QUEIROZ, 1973 b, p. 30).

A influência de Antonio Candido não se limita ao que fora exposto sobre a Sociologia Rural de Maria Isaura Pereira de Queiroz. A seguir se apresenta essa influência sobre a produção de Darcy Ribeiro.

4. O legado em Darcy Ribeiro

No ensaísmo histórico tardio de Darcy Ribeiro, datado de meados da década de 1990, o legado de Antonio Candido é capaz de reconfigurar a interpretação acerca da formação cultural brasileira, agora maturada por uma vastidão de pesquisas relacionadas aos diversos segmentos da sociedade brasileira. O autor retoma os primeiros tempos da colonização, dando conta de que, logo após a invasão portuguesa, já se formava um distinto grupo “proto-étnico neobrasileiro” que fora se multiplicando desde a região litorânea até diversas regiões que viriam a ser cada vez mais povoadas, chamadas aqui de “ilhas-Brasil”. Através dessa matriz básica é que se desenvolvem diversos ramos da variedade cultural, adaptada aos meios em que se inserem.

Era gestada nas comunidades constituídas por índios desgarrados da aldeia para viver com os portugueses e seus mestiços – que começavam a

multiplicar-se na costa pernambucana, baiana, carioca e paulista. Com base no compadrio, ainda no tempo das relações de escambo com índios que permaneciam em suas aldeias independentes. Aqueles núcleos pioneiros evoluíram rapidamente para a condição de comunidades-feitoras quando passaram a integrar também indígenas capturados, estruturando-se em volta de um núcleo de mamelucos e funcionando como bases operacionais dos brancos que serviam de apoio aos navios, estabelecendo suas próprias relações de aliança ou de guerra com tribos vizinhas. Ainda que embebidos na cultura indígena, só falando a língua da terra e estruturados em bases semitribais, já eram regidos por princípios organizativos procedentes da Europa. Constituíam, assim, de fato, brotos mutantes do que viria a ser uma civilização urbana e letrada (RIBEIRO, 2015, p. 202).

Dessa forma, a maneira em que se estrutura a reconstituição histórica através da sincronia entre os relatos de viajantes dos séculos passados, e os relatos dos antigos moradores da cidade de Bofete em *Os Parceiros do Rio Bonito* acabam por serem endossados e adicionados à análise de Darcy Ribeiro, especialmente ao escrever sobre a formação da cultura caipira, datando o fenômeno social desde as bandeiras paulistas. No período colonial, a economia, bem como a vida social desses antigos paulistas se resumiam a um aspecto de pobreza, pois pouco se diferenciavam da vida indígena na aparência, exceto pelos costumes e pela sede de dominância e de escravismo resumidos ao sonho europeu.

Seus luxos em relação à vida tribal estavam no uso de roupas simples, do sal, do toucinho de porco e numa culinária mais fina, na posse de alguns instrumentos de metal e de armas de fogo, na candeia de óleo para alumiar, nalguma guloseima, como a rapadura, e na pinga de cana que sempre se destilou; além da atitude sempre arrogante. Cada família fiava e tecia de algodão grosseiro as redes de dormir e as roupas de uso diário - amplas ceroulas cobertas de um camisolão para os homens, blusas metidas em saias largas e compridas, para as mulheres. Todos andavam descalços ou usando simples chinelas ou alpercatas. Apenas cobriam o corpo que os índios antes deixavam à mostra, sem pudor mas com a faceirice das pinturas de urucum e jenipapo. Essa pobreza, que está na base tanto das motivações quanto dos hábitos e do caráter do paulista antigo, é que fazia deles um bando de aventureiros sempre disponível para qualquer tarefa desesperada, sempre mais predispostos ao saqueio que à produção. Cada caudilho paulista de expressão podia levantar centenas e até milhares de homens em armas, é verdade que a imensa maioria deles formada por índios flecheiros (RIBEIRO, 2015, p. 268 e 269).

Esse modo de vida, rude e pobre, era o resultado das regressões sociais de um processo de transformação cultural. Da herança portuguesa, o paulista perdeu a vida comunitária da vila, a disciplina patriarcal das sociedades agrárias tradicionais, o arado e a dieta baseada no trigo, no azeite e no vinho. Ainda mais, negando as raízes culturais indígenas, perdera a autonomia da aldeia igualitária, toda voltada para o provimento da

própria subsistência, a igualdade do trato social de sociedades não estratificadas em classes, a solidariedade da família extensa, o virtuosismo de artesãos, e por fim, a vida baseada na forma de seus ancestrais. (RIBEIRO, 2015, p. 269) Os paulistas antigos buscavam se diferenciar dos indígenas, pois traziam ao seu pensamento a ambição e a busca por condições de dominação e enriquecimento, mesmo que fosse às custas do saqueio da terra.

Assim, num tempo em que as nações deserdadas na divisão do mundo apelavam para a pirataria marítima dos corsários, os paulistas, que eram os deserdados do Brasil, lançavam-se, também, ao saque com igual violência e cobiça. Marginalizados do processo econômico da colônia, em que quase todos estavam voltados para as lucrativas tarefas pacíficas dos engenhos e dos currais de gado, os paulistas acabaram por se especializar como homens de guerra. Cada vez que na abertura de uma nova zona os índios apresentavam resistência maior, requeria-se a mão subjugadora dos paulistas. Igualmente, quando estalava uma rebelião escrava ou quando um grupo negro se alçava implantando solidamente um quilombo resistente às forças locais, para os paulistas é que se apelava (RIBEIRO, 2015, p. 271).

Daqui, também se faz presente a ideia de uma menor distinção social entre os capitães do mato e os indígenas cativos, por exemplo, estando relacionado a uma pobreza. Mas ainda assim, a chefia dada aos mamelucos e brancos se fazia perigosa, devido às suas ambições, onde não importavam os meios de adquirir riquezas. Dessa forma, não era somente os saques e o sequestro de indígenas para servirem e mão-de-obra escravista que inspiravam os paulistas em suas longas viagens expansionistas, mas também a possibilidade do descobrimento de ouro, o que viria acontecer mais tarde, no entre-séculos XVII e XVIII.

Nas zonas de mineração, a sociedade brasileira adquire feições peculiares como um desdobramento do tronco paulista, por influência dos brasileiros vindos de outras áreas e de novos contingentes europeus nele incorporados, e da presença de uma grande massa de escravos, tanto africanos quanto nativos, trazidos das antigas zonas açucareiras. O principal conformador dessa variante cultural foi a atividade econômica inicial de mineração e a riqueza local que ela gerou, criando condições para uma vida urbana mais complexa e ostentosa que em qualquer outra região do país (RIBEIRO, 2015, p. 276).

Com o período da mineração, houve um rápido crescimento econômico e urbano, modificando e reestruturando a cultura e as relações sociais, principalmente com a relação da corte com essa região centro-sul ascendente. Porém depois de algum tempo todo o ouro e a estrutura montada para sua exploração acabam por serem esgotados, trazendo uma

eminente decadência devido à dependência da colônia a esse produto. Regressando a parte majoritária da população à pobreza pré-existente.

Esgotado o impulso criador dos bandeirantes que se fizeram mineiros, toda a economia da vasta população do Centro-Sul entra em estagnação. Mergulha numa cultura de pobreza, reencarnando formas de vida arcaica dos velhos paulistas que se mantinham em latência, prontas a ressurgir com uma crise do sistema produtivo. A população se dispersa e se sedentariza, esforçando-se por atingir níveis mínimos de satisfação de suas necessidades.

O equilíbrio é alcançado numa variante da cultura brasileira rústica, que se cristaliza como área cultural caipira. É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos ancilares de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e outros bens. Acaba por esparramar-se, falando afinal a língua portuguesa, por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná. Desse modo, a antiga área de correrias dos paulistas velhos na preia de índios e na busca de ouro se transforma numa vasta região de cultura caipira, ocupada por uma população extremamente dispersa e desarticulada. Em essência, exaurido o surto minerador e rompida a trama mercantil que ele dinamizava, a Paulistânia se "feudaliza", abandonada ao desleixo da existência caipira." (Idem, p. 281).

Foi dessa forma que Darcy Ribeiro aprofundou a análise histórica contida na obra de Antonio Candido.

5. O legado na produção artística

Além do que fora apresentado, "Os Parceiros do Rio Bonito" inspirou a criação artística de uma peça teatral chamada "Na *Carrera* do Divino" (2020 [1979]) de autoria de Carlos Alberto Soffredini e direção de Paulo Betti, assim como de um filme, inspirado também nesta peça, chamado "A *Marvada* Carne" (2020 [1985]) de autoria de André Klotzel. Tais obras são descritas nos textos de Walnice Nogueira Galvão (2018), publicados em conjunto do artigo já citado, e do texto "*Caipiradas*" na edição de dossiê do centenário de Antonio Candido na Revista USP, mas é Lígia Rodrigues Balista (2018) que vai desenvolver uma análise maior dos elementos estruturais da cultura caipira que são estudados por Candido, da forma que estão presentes na peça de Soffredini, realizada pelo grupo Pessoal do Vitor, e por consequência no longa de André Klotzel. Junto de diversas

inspirações para “Na *Carrera* do Divino” como Monteiro Lobato, Amadeu Amaral, Valdomiro Silveira, entre outras referências também do universo musical, “Os Parceiros” de Antonio Candido tem um maior destaque:

Parte da crítica argumenta que o dramaturgo transpôs esta obra científica, erudita, de grande valor, para um teatro popular; enquanto outros valorizam que Soffredini absorveu as informações dos caipiras populares investigados por Candido, mas realizou um teatro nos moldes da cultura erudita. [...]

A criação da família central de Na *carrêra* do divino (Jeca, Nha Rita, Mariquinha e Pernambi), assim como das principais ações e conflitos por que ela passa na peça, mobiliza diretamente os relatos e estudos de Candido sobre o caipira. No mesmo sentido, as canções utilizadas na peça também apontam para a transformação histórica que Candido examinou em sua pesquisa (BALISTA, 2018, p. 66).

A obra de Candido, que faz essa interpretação histórica da formação da sociedade brasileira e da cultura caipira à partir da colonização dos sertões, através da penetração do interior pelas *camadas humildes* (BALISTA, 2018, p. 67 e 68), conforme já apresentado aqui neste artigo, acaba sendo representada cenograficamente em diversos aspectos da cultura caipira na peça de Soffredini: sua localização e mobilidade espacial geográfica; a ocupação do solo marcada pela exploração da terra e de seus recursos por meio de destruição ecológica; a socialização dada nos bairros rurais; a dieta e sua ligação com o tempo de lazer (Idem, p. 70) Esses aspectos, em encontro das transformações sociais e econômicas do século XX no Brasil, produziram nos sujeitos caipiras um aumento da subordinação ao mercado e a necessidade de consumo de bens para os quais se faz necessário o trabalho, acabando por lhes transformar também nos aspectos culturais e em seus costumes, principalmente nas diminuições do tempo de lazer e de sua dieta, como por exemplo no consumo de carne, seja de caça ou de animais domesticados. “Nesse processo de transformação, os caipiras que foram para a cidade grande (São Paulo) acabaram marginalizados, tanto em condição de trabalho como em moradia, sendo habitantes da periferia desse centro urbano.” (BALISTA, 2018, p. 71) O que também é retratado em cena no filme “A *Marvada* Carne” (Idem).

Podemos, assim, acompanhar em Na *carrêra* do divino quase um a um os tópicos de Os *parceiros* do Rio Bonito, livro a partir do qual o dramaturgo estudou conceitos fundamentais sobre a cultura caipira, que marcam inclusive nominalmente alguns trechos de sua peça (como nos termos “nomadismo”, “fome psíquica”) (BALISTA, 2018, p. 72 e 73).

“Na *Carrera* do Divino”, espetáculo promovido pelo Pessoal do Vitor sob autoria de Soffredini em 1979 está inserido na trajetória de Antonio Candido em relação à cultura caipira:

Muitos anos após o doutorado, Antonio Candido foi procurado pelo Pessoal do Vitor, grupo de teatro da Unicamp, em 1979, para a criação de um espetáculo haurido em Os parceiros do Rio Bonito, intitulado Na *carrera* do Divino. Seus membros guardam boa lembrança de uma reunião em casa de Egon Schaden com Florestan Fernandes e Antonio Candido, em que este a certa altura pôs-se a cantar modas caipiras (GALVÃO, 2017, p. 181).

Essas produções artísticas endossam a amplitude do legado de Antonio Candido nos seus estudos sobre a cultura caipira. A peça de Soffredini, que incorpora também outras influências deste universo cultural, pode ser considerada uma fonte de compreensão da importância do legado da produção intelectual de Candido acerca da Formação Cultural do Brasil e da cultura caipira inserida nesse contexto (BALISTA, 2018, p. 79). O interesse de Antonio Candido para a compreensão da cultura caipira partiu de sua intenção em pesquisar o cururu, conforme escrito pelo autor em “Caipiradas” (1980), texto produzido para o estojo de uma coletânea musical intitulada “Caipira: raízes e frutos”, produzida por Aluizio Falcão, posteriormente publicado na coletânea de textos “Recortes” (1996). (GALVÃO, 2017, p. 181), e também no já citado dossiê “100 anos de Antonio Candido” da Revista USP (2018).

Conclusão

É indissociável o tema sociológico do caipira na formação cultural do Brasil, da trajetória de Antonio Candido nas Ciências Sociais. Talvez o resumo deste legado não esteja tão amplamente divulgado aqui, e certamente a amplitude dos frutos a serem colhidos pela sua produção acadêmica estão longe de se esgotar em qualquer análise tão breve. Primeiramente porque há muito para se conhecer e analisar nos aspectos da Sociologia Rural, da Sociologia da Cultura, e até mesmo das variantes aproximadas da Antropologia Cultural, acerca dos modos de ser, do pensamento e da cultura caipira.

Em segundo lugar, apesar do seu legado e da originalidade da análise da obra, destacada por Fernando Henrique Cardoso em “A Fome e a crença”, em conjunto de “A

Organização Social Tupinambá” de Florestan Fernandes – segundo Luiz Carlos Jackson (2002, p. 93) – “Os Parceiros” não teve a imediatez do impacto de sua produção e nem foi capaz de gerar uma escola sociológica brasileira. Isso acaba se devendo ao fato de que os três autores que se debruçaram sobre o tema da Sociologia Rural no Brasil na época da publicação do livro eram estudantes de Florestan Fernandes e estavam preocupados com a questão da formação de uma sociedade de classes no Brasil, fato que é notório no conteúdo das obras. (Idem) Por outro lado, pensando em relação à Sociologia Rural e à própria escola paulista de sociologia, Walnice Nogueira Galvão fala em uma descendência científica e universitária inumerável (2017, p. 179), enquanto que destes quem mais se inspirou na obra de Antonio Candido foi Maria Isaura Pereira de Queiroz, conforme já assinalado aqui.

Porém, destacado desse contexto, continuam a serem produzidas e lançadas novas edições de “Os Parceiros do Rio Bonito”, repercutindo e ampliando as possibilidades de continuidade do legado dessa obra, assim como o interesse pela cultura caipira, que “volta e meia”³ emerge em diversos segmentos da sociedade brasileira. Dessa forma, estão aqui apresentados o legado de Antonio Candido e suas relações com o pensamento sociológico brasileiro, bem como a sua influência nos estudos e nas representações artísticas da cultura caipira.

Referências

A Marvada Carne. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67245/a-marvada-carne>>. Acesso em: 27 de Mai. 2020.

BALISTA, Lígia Rodrigues. Os Parceiros do Rio Bonito: Elementos Estruturais da Cultura Caipira e o Legado de Antonio Candido na peça Na Carrêra do Divino, de Carlos Alberto Soffredini. In: *Revista*

Estação Literária Londrina, Volume 22, p. 65-81, dez. 2018.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 12ª Ed. Rio de Janeiro:

Ouro sobreAzul; São Paulo: EdUSP, 2017.

_____. “Possíveis raízes indígenas de uma dança popular” (1956); “Caipiradas” (1980). In: *Revista USP*, Dossiê 100 Anos

³ Expressão popular.

de Antonio Candido. São Paulo, n. 118, pp. 139 – 172, jul/ago/set 2018.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984 [1902]

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Na carreira do Divino”; “A cultura caipira”; “Antonio Candido, Paulo Betti e o cururu: um inédito”. In: *Revista USP*, Dossiê 100 Anos de Antonio Candido. São Paulo, n. 118, pp. 173 – 199, jul/ago/set 2018.

JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição Esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

_____. “O Brasil dos Caipiras”. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo, vol 4, n. 12, pp. 74 – 87, 2009.

Na Carreira do Divino. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento398486/na-carreira-do-divino>>. Acesso em: 27 de Mai. 2020.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973a.

_____. *O Campesinato Brasileiro: Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1973b.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Global, 2015.

WILLEMS, E. Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil. *São Paulo*: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1947.